ARANHA, M.S.F. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. Revista do Ministério Público do Trabalho, v. 11, n. 21, mar. 2001.

ARTIOLI, A.L A educação com aluno com deficiência na classe comum: a visão do professor. Revista Psicologia educacional. n.23 São Paulo: 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Parametros Curriculares Nacionais da Educação Infantil. 2011.

BUENO, J.G. S. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas?. Revista Brasileira de Educação Especial, n.5, set. 1999.

BRÉSCIA, V.L.P. A música e desenvolvimento cognitivo. São Paulo: Átomo, 2003.

CARVALHO, V.S. Recursos utilizados na aprendizagem de alunos de classe especial. Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro: 2007.

FERREIRA, M. Como usar a música na sala de aula. Música. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FRIEDMANN, A. A arte de brincar. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JESUS, Sonia Cupertino. Inclusão escolar e a educação especial. 2005.

KISHIMOTO, T.M. O jogo e a Educação Infantil. 13º ed. São Paulo: Pioneira, 2015.

MANTOAN, M. T. E. Educação Inclusiva: Atendimento Educacional Especializado para Defici- ência Mental. Brasília: MEC, 2007.

MENDES, E. G. Raízes históricas da educação inclusiva: Seminários Avançados sobre Educação Inclusiva, ago. Marília: UNESP, 2001.

MONTEIRO, M. S. 2004. A Educação Inclusiva. 2019.

MORIN, E. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; Revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PRAÇA, E.T. Uma reflexão acerca da inclusão do aluno autista no ensino regular. Dissertação de mestrado: Mestrado profissional em matemática. Juiz de Fora – Minas Gerais, 2011.

SASSAKI, R.K. Inclusão: Construindo Um a Sociedade Para Todos. 3ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SILVA, A. DESSEN, E. Aprendizagem e Síndrome de Down. Rio de Janeiro: WVA, 2005.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a infância, Relatório da Situação da Infância e Adolescência Brasileiras, Diversidade e Equidade, 2003, baseando-se em dados colhidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o Censo Demográfico 2000.

O RETORNO AS AULAS NO PÓS PANDEMIA

CINTIA ELIDIA FIRMINO

RESUMO

As escolas devem garantir o acesso, a particiO presente artigo trás uma reflexão sobre o retorno as aulas numa perspectiva de pós pandemia com seus desafios principalmente na educação infantil. Como acolher as crianças e suas famílias e direcionar a aprendizagem que ficou defasada e acentuou ainda mais as diferenças entre os que possuem uma estrutura familiar e socioeconômica.

Segundo a UNICEF, os estados brasileiros que adotaram o ensino remoto, apenas 15% distribuíram qualquer dispositivo tecnológico aos seus alunos, e uma porcentagem ainda menor de estados ofereceu as famílias o acesso a internet, apenas 10%. Como conseqüência, 3,7 milhões de estudantes matriculados não tiveram acesso a atividades escolares e não conseguiram dar continuidade a seus estudos em casa de forma remota.

Palavras-chave: Pandemia, educação infantil, defasagem, planejamento, ouvir, aprendizado.

INTRODUÇÃO

A educação infantil se não foi o segmento educação mais prejudicado foi um domais, pois as crianças pequenas de zero a quatro anos têm experiência de vida, estar na barriga de suas mães e a outra metade em isolamento, ou seja, apenas com as pessoas que vivem com elas em suas casas, nem mesmo os parentes em muitos casos as crianças tiveram contato. Agora está sendo enviadas para as escolas com um adulto desconhecido, junto com outras crianças para dividir o espaço, os brinquedos, os materiais, a atenção, o carinho, se comunicar, interagir entre tantas outras situações.

A interrupção das aulas presenciais nas escolas e nos CEI's durante a pandemia prejudicou a aprendizagem das crianças, prejudicando em seu desenvolvimento afetivo, cognitivo ampliando assim as desigualdades logo na primeira infância. Com o aumento

disparado dos casos de contagio, ao final de março a situação mundial era afetada assim como os estudantes, mais de 850 milhões de crianças, em 102 países. A UNESCO trouxe dados com números alarmantes de 1,6 bilhão de crianças e jovens afetados pelo fechamento obrigatório de escolas, em 191 países, representando 90,2% da população estudantil mundial, os quais foram prejudicados em seus desenvolvimentos e aprendizagem , com a interrupção das aulas.

Já há muito tempo as aulas não presenciais é uma opção nas universidades muito antes da pandemia, mas pensando nas outras etapas do ensino essa é uma completa novidade para as escolas brasileiras, em para a educação infantil. A escola desde o início sempre buscaram chegar a todos os alunos com telefonemas e criação do grupo de whatsapp para atender as famílias e as crianças da forma mais próxima possível, aos poucos e sem desistir frente às dificuldades. Sabemos que muitas famílias não possuem telefones, celulares e ainda foram afetadas pelo desemprego e perderam suas casas como aponta a pesquisa do IBJE:

A taxa média de desocupação em 2020 foi recorde em 20 estados do país, acompanhando a média nacional, que aumentou de 11,9% em 2019 para 13,5% no ano passado, a maior da série histórica da PNAD Contínua, iniciada em 2012. As maiores taxas foram registradas em estados do Nordeste e as menores, no Sul do país. Esses resultados decorrem dos efeitos da pandemia de Covid-19 sobre o mercado de trabalho.

As escolas com toda a equipe da secretaria e dos professores com a busca ativa foram ao encontro das famílias. Assim conforme foram sendo localizadas foram orientados a participar das plataformas oficiais como o clarssom. Foram criados grupos de whatsapp para o envio de informes e recados da escola, sempre com a intenção de manter e estreitar o vínculo com as famílias. Os grupos recebiam as notificações das atividades que eram postadas nas plataformas, com a busca ativa muitas famílias relataram a dificuldade em acesso a internet e muitas escolas e prefeituras optaram por fornecer atividades impressas.

O objetivo sempre de atender a todos, sem deixar ninguém para trás.

As famílias tiveram que assumiram o compromisso de realizar com as crianças as propostas que a escola passava e com a dificuldade do dia a dia acabaram não participando, não respondendo as mensagens e nem realizando as atividades. Sabemos que a criança da educação infantil não tem autonomia para realizar as atividades sozinhas e necessitam do apoio do adulto. Muitas famílias realizaram as atividades e tarefas no horário que podiam, e muitas não deram contam.

Aqui temos que ressaltar que muitas escolas não tiveram como realizar esse movimento como aponta a UNICEF:

Nos últimos anos, o Brasil vinha avançando, lentamente, no acesso de crianças e adolescentes à escola. Com a pandemia da Covid-19, no entanto, o País corre o risco de regredir duas décadas. Em novembro de 2020, mais de 5 milhões de meninas e meninos não tiveram acesso à educação no Brasil – número semelhante ao que o País tinha no início dos anos 2000. Desses, mais de 40% eram crianças de 6 a 10 anos de idade, etapa em que a escolarização estava praticamente universalizada antes da Covid19. É o que releva o estudo "Cenário da Exclusão Escolar no Brasil – um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na Educação", UNICEF, em parceria com o Cenpec Educação.

Agora com retorno as aulas têm que planejar situações e propostas que venham a dar oportunidade a todos de se desenvolverem, escutar nossas crianças, pois elas falam de muitas formas: pelo gesto, no silencio, no choro, no sorriso e temos que estar atenta a toda forma de expressão. A palavra chave é OUVIR e saber o que fazer com essas observações.

A princípio tem que pensar que neste momento os sentimentos das crianças e de suas famílias devem ser acolhidos, por isso o ouvir é tão fundamental, a maneira como esse primeiro momento acontecerá é primordial para que o decorrer do processo possa obter sucesso. Todos de nossa sociedade vivenciaram uma experiência nova traumáticas com perdas irreparáveis e precisam de um colhimento que o ajude passar para essa nova fase.

Segundo a Fonoaudióloga |Gleidis em seu artigo: Avaliar o aluno, observar os que necessitam de maior apoio pedagógico, verificar conteúdos e disciplinas a serem priorizados, pensar atividades e estratégias para repor aquilo que não foi alcançado é também papel do professor.

Segundo a pesquisa realizada pela UFRJ chegaram ao resultado mostra que crianças que frequentaram a pré-escola apresentaram um aprendizado mais acelerado compara do com as crianças que ficaram em isolamento no ano de 2020. Ainda segundo a pesquisa os resultados estimam um impacto da pandemia sugerem um atraso de médio de 4 meses de perda para linguagem e matemática. Para nós professores é de suma importância entender o que as crianças deixaram de aprender, para assim poder traçar junto com seus pares e com as famílias o melhor caminho para atender essas crianças, com suas necessidades, desejos e anseios.

A princípio uma avaliação diagnóstica irá ajudar a ter uma noção de como estão ás crianças e como o grupo em sua totalidade. Evitando assim escancarar as desigualdades, mas sim dar a todos oportunidade de se

desenvolver, isso não significa dar a todos a mesma coisa ao mesmo tempo e sim, em pequenos grupos ofertar o cada um está necessitando, ouvir e atender cada indivíduo. Trabalhar com as questões físicas na educação infantil é sempre uma medida e um caminho a seguir. Sair um pouco das telas aos quais foram expostos durante a pandemia.

As interações e outro ponto a ser focado, pois as crianças ficaram reclusas, nessa faixa etária é natural da criança de ser mais egocêntrica e com a pandemia essa característica ficou mais forte. Nas salas muitos conflitos irão aparecer e o dialogo mais do que nunca se fará necessário. A rotina na educação infantil é uma poderosa ferramenta, sabemos como essa foi afetada durante a pandemia e agora com o retorno das aulas presenciais a rotina deve ser retomada, ao inicio das aulas e uma atividade fundamental a construção da mesma com a ajuda das crianças para que possam se localizar no decorrer do período.

No retorno às aulas presenciais, as crianças apresentaram-se com muito entusiasm o, porém, com pouca frequência. Chegaram com a necessidade de apropriação de algum as ações que, já estariam realizando com maior propriedade, se estivessem participantes da rotina dentro de uma escola de educação infantil.

A dificuldade de falar e ouvir o outro com o uso da máscara foi um dos obstáculo s que causava desconforto, foi através de muita escuta, conversa, cautela e carinho que s e poder os caminho onde gostaríamos de chegar.

Os conteúdos que fazem parte dos Campos de Experiências propostos na BNCC mesmo pensado em um momento antes da pandemia, foi sendo utilizados com propostas significativas para se alcançar a todos e a cada criança em particular.

- O eu, o outro, o nós, entre outros: o objetivo desse campo é a criança valorizar sua própria identidade e ao mesmo tempo, respeitar e reconhecer as diferenças dos outros.

· Corpo, gestos e movimento: o objetivo desse campo é colocar a criança em contato com as diferentes linguagens artísticas e culturais, como a música, a dança, e seus diversos movimentos, além de conhecer seu corpo; seus limites e ampliar suas possibilidades.

· Escuta, fala pensamentos e imaginação: o objetivo desse campo são as experiências com cantigas, leituras, jogos cantados, brincadeiras de roda, conversas, entre outras formas de comunicação.

· Traços, sons, cores e imagens: o objetivo desse campo é de incentivar as crianças a terem experiências por meio da intensidade dos sons e ritmos, descobrir formas e cores e fazer leituras de imagens.

· Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações: o objetivo desse campo é favorecer a construção das noções de espaço, tempo, quantidades. Está bem interligado com situações problemas, contagens, comparações, etc.

Os conteúdos desses Campos de Experiência trabalhados em conjunto com os direitos de aprendizagem, também estabelecidos pela BNCC que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Assim o planejamento apresenta mais uma vez a sua importância com diversas propostas de vivências, sempre com orientação direta da professora, dentro desses Campos de Experiências e Direitos de aprendizagem. Visando chegar a todas as crianças. Semanalmente ofertar histórias com diferentes temas, a fim de ampliar o vocabulário das crianças e colocá-las em contato com diferentes portadores textuais, brincadeiras diversas que envolviam músicas, parlendas, cantigas de roda da cultura popular a fim de ampliar repertório e possibilidades de brincadeiras, diversas apresentações artísticas.

Garantir rodas de conversa para retomar os protocolos de saúde, até porque a pandemia não acabou além de estreitar os vínculos que foram perdidos durante a pandemia.

Entender que algumas crianças possam apresentar dificuldade na adaptação, o cuidado individualizado para sanar tais questões; acolher e ouvir os sentimentos acreditamos que cada criança é única e que cada uma trouxe uma bagagem diferente nesse retorno.

Pensando individualmente nas dificuldades, deverá ser estruturada uma rotina para contemplar ações como adaptação, inserção e acolhimento, respeitando os colegas, professores e toda a comunidade escolar e ser solidário em suas ações. As crianças que apresentarem dificuldade de aprendizagem deverão receber auxilio individualizado e diferenciado de acordo com suas especificidades, proporcionando-os momentos para a aquisição dos conteúdos necessários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ou seja, temos um longo caminho a percorrer nesse pós pandemia. Como iremos recuperar o que se perdeu, não existe uma receita pronta, porém o trabalho no coletivo, com vários olhares e um planejamento feito por varias mãos temos como desenvolver um trabalho significativo, produtivo e o mais importante e que virá de encontro as nossas crianças.

Outro ponto é que muitas crianças não voltaram para as aulas presenciais, as es-